



KARL MARX, E A CRÍTICA A DESIGUALDADE NA EDUCAÇÃO OPERÁRIA

Daniel da Rosa Eslabão¹

Resumo: Neste artigo, analisaremos a crítica social, desenvolvida pelo filósofo e teórico social Karl Marx (1818-1883) aos precários recursos pedagógicos oferecidos aos filhos da classe operária no Reino Unido durante a Revolução Industrial. Uma vez que o autor, nascido na Alemanha e após passar uma curta temporada da sua vida na França, acaba por escolher Londres como seu lar definitivo. Tendo vivido na capital do Império Britânico, no auge da era vitoriana, em uma época na qual esta cidade era uma das maiores do mundo, pode acompanhar o debate público que ali se instalou sobre as desigualdades sociais e as gritantes diferenças entre a parca educação oferecida aos filhos da classe fabril e as demais classes sociais daquele país. No qual, além de uma pujante burguesia, ainda possuía, fortes traços aristocráticos. Nos quais os jovens das classes privilegiadas podiam usufruir de aulas particulares e tutores ou ainda de escolas particulares de longa tradição. Enquanto, os juvenis das classes populares muitas vezes nem mesmo alfabetizados eram. Emergiu neste período, inicialmente, a reivindicação por ensino, depois este passou a ser fiscalizado por comissões oficiais, que emitiam relatórios, por vezes publicados em jornais de grande circulação. A maioria da crítica desenvolvida pelo autor a este tema, se baseia nos relatos destes documentos governamentais, que visavam esclarecer os parlamentares em suas deliberações neste campo. Em nosso estudo de cunho teórico e bibliográfico, tomaremos como texto principal o livro primeiro de *O Capital* [1867]. Sendo esta, uma obra da maturidade do autor, na qual temas diversos sobre as estruturas do capitalismo industrial são exaustivamente analisadas. Recordamos que já no *Manifesto do Partido Comunista*, publicado em 1848, já havia reivindicação social em direção a uma “Educação pública gratuita para todas as crianças. Abolindo do trabalho infantil nas fábricas na sua forma atual. Combinação de educação com a produção material” (MARX; ENGELS, 1998, p. 31). Embora não haja algo como uma teoria pedagógica na obra do autor, vemos este como um tema considerado relevante, e persiste em seus interesses entre os anos de 1848, no *Manifesto*, até a publicação do primeiro livro de *O Capital*, duas décadas depois. Os principais pontos destacados em nossa investigação, diz respeito, em primeiro lugar, a constatação de que muitos dos estabelecimentos de ensino, inicialmente instituídos para os jovens oriundos do proletariado, não m=passavam de meros depósitos de pessoas. Que não havia qualquer preocupação em termos curriculares ou ainda com a preparação dos professores. Observamos, então, que os jovens trabalhadores nas indústrias tinham, em certo sentido, um privilégio, em termos de acesso à educação. Mais do que isso, as legislações britânicas tornaram a “Instrução elementar condição compulsória para o emprego de menores de catorze anos; em todas as indústrias sujeitas às leis fabris” (MARX, 1987, p. 456). As indústrias só poderiam empregar jovens que também estudassem. Entretanto, as mesmas leis que obrigavam a conjugação entre trabalho e ensino possuíam sérias limitações, que propiciaram uma série de distorções, desvios e mesmo

¹ Doutorando em Filosofia. UFPel. Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: sociologiabrasil@yahoo.com

obstáculos ao desenvolvimento do educando e ao seu processo de aprendizagem. Constituindo-se em verdadeiras burlas ao espírito da lei. Analisaremos, então, alguns casos mais emblemáticos. Destacamos esta citação: “Ao visitar uma destas escolas que expediam certificado, fiquei tão chocado com a ignorância do mestre-escola que lhe perguntei: por favor, o senhor sabe ler? Responde ele: Ah! Sei somar. Para justificar sua ignorância, acrescentou: em todo caso, estou à frente dos meus alunos” (MARX, 1987, p. 456). Nosso autor ainda observa em muitas destas escolas, ausência de qualquer atividade voltada ao ensino, existindo apenas para cumprir as exigências da lei e emissão de certificados de presença. Noutras situações, havia casos de exploração do trabalho infantil, no qual, ao invés do estudo de temas específicos, as crianças dedicavam a manufatura de produtos de panos ou palha. *Escolas de palha* ou *Escolas de panos*: são os temas empregados pelo autor. Vemos, em *O Capital*, escólios de uma crítica a educação operária do seu tempo.

Palavras-chave: Educação; Proletariado; Marxismo.

REFERÊNCIAS

LEFEVRE, Henry. **Marxismo**. Porto Alegre: L& PM, 2010.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da Economia Política. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987.

_____; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Cortez, 1998.

OUTHWAITE, William; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Social do século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.